

## DESENHAÇÃO – UM ESTUDO O DESENHO INFANTIL COMO FONTE DE MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Marice Kincheski Fassina – UDESC/ PMC - SME Curitiba

### Resumo

Este artigo é o recorte da tese de mestrado apresentada no ano de 2008 à Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC e dedica-se a analisar a construção e o desenvolvimento do desenho infantil durante a alfabetização nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A investigação acompanhou o desenhar de Amon, Laura, Mariana e Jefferson, do pré-escolar iniciado em março de 2006 até o final da primeira série, em novembro de 2007. O objetivo central desta investigação residiu em pesquisar qual a contribuição do desenho infantil na alfabetização em dois ambientes distintos, percebendo quais as relações que se estabelecem nesse processo.

**Palavras-chave:** desenho infantil, alfabetização, relações entre desenho e escrita, cognição.

### Abstract

*This article is the clipping of the presented thesis of master's degree in the year of 2008 to the University of the State of Santa Catarina – UDESC is dedicated in analyzing the construction and the development of the childish drawing during the literacy in the initial school years of the first grades. The investigation followed the drawing of Amon, Laura, Mariana and Jefferson, of the pre-school that started in March 2006 to the end of the first grade, in November 2007. The main goal of this investigation is to research which is the contribution of the childish drawing in the literacy in two distinct environments, realizing which the relations that are established in this process are.*

**Key words:** Childish drawing; literacy; relations between drawing and writing; cognition.

“Às vezes não sai do jeito que eu quero: na hora de fazer, sai diferente.”  
(Laura – 6a6m)

“Eu não desenho mais muito. Agora só fico treinando a letra de mão.”  
(Jefferson – 7a1m).

“Esse carro eu aprendi a fazer com o Augusto. O dia que eu consegui fazer a Lú (professora) me deu parabéns.” (Amon – 6a10m).

“Meu irmão disse que perna de homem é diferente de perna de mulher.”  
(Mariana – 7a).

Os fragmentos de verbalizações infantis expostos acima refletem o momento escolar da alfabetização. Percebe-se nesses relatos a pressão e o encantamento do início da alfabetização; a divergência entre o pensar o desenho e sua execução, e o papel das relações sociais na construção gráfica da escrita e do desenho. São esses

alguns dos fatores observados, que ilustram a seriedade com a qual a criança constrói seus saberes e a importância que cada detalhe tem nessa conquista.

As investigações acompanharam o desenhar de Amon, Laura, Mariana, e Jefferson, do pré-escolar iniciado em março de 2006 até o final da primeira série, em novembro de 2007. O objetivo central desta investigação foi o de pesquisar qual a contribuição do desenho infantil na alfabetização em dois ambientes distintos percebendo quais relações que se estabelecem nesse processo. Desta forma este estudo foi dividido em três fases, orientados cada um por uma questão norteadora e agrupados de acordo com o período de obtenção dos dados, delineando desta forma os objetivos específicos, a saber: 1) relação da estruturação da figura humana com a estruturação dos códigos éticos e estéticos; 2) relação das contribuições do desenho infantil no desenvolvimento da leitura e da escrita; 3) relação da narrativa gráfica na organização e na construção do pensamento argumentativo da fala e da escrita. O diálogo teórico proposto entrelaçou diferentes concepções, organizadas em três aspectos teóricos: o primeiro trata das relações entre ensino e aprendizagem e está fundamentado na teoria de Vygotsky (1991), o segundo discute a alfabetização e a escrita e está fundamentado em autores como Freire (2006), Freinet (1977), Teberosky (1999), Lúria (1986), Ferreiro (2001), e o terceiro discute o desenho infantil, fundamentado em autores como Luquet (1927), Duarte (1995; 2007), Darras (1996; 2004) e Iavelberg (1995; 2006). Investiga-se a hipótese do desenho ser instrumento mediador no processo de alfabetização como forma gráfica auxiliar de significação do texto verbal e escrito, que se desenvolve em duas vertentes: como desenho comunicacional e como desenho que busca o artístico. Vislumbra-se assim, uma possibilidade real de pensar o desenho infantil por outro viés, não apenas como atividade complementar das diferentes disciplinas, mas também como uma linguagem, forma de expressão, como instrumento de significação da alfabetização, como possibilidade de renovação e transformação das práticas pedagógicas num ato de respeito à criança e seus conteúdos.

Partindo de observações em sala de aula no período compreendido entre 2006 e 2007, compara-se o uso do desenho no pré-escolar e na primeira série, investigando:

1. Qual o papel do desenho infantil na alfabetização? Como ele se organiza e se estabelece nesse contexto?
2. Quais as conseqüências da redução dos momentos de desenhar quando da passagem do pré-escolar para a primeira série?
3. Quais as relações entre a estruturação do desenho da figura humana com a estruturação dos códigos éticos e estéticos?
4. Quais as relações e contribuições do desenho infantil no desenvolvimento da leitura e da escrita?
5. Qual o impacto causado pelo uso de um estímulo narrativo ficcional (desenho animado) na organização e construção do pensamento argumentativo da fala, da leitura e da escrita?

FASE I / 2006 - Nessa primeira fase do estudo o universo pesquisado era ainda muito abrangente, compreendendo duas turmas de pré-escolar e duas de primeira série. Partindo de uma observação geral dois fatores se destacaram: a importância que o desenho infantil apresenta na pré-escola como fator estratégico de interação e integração e uma apreensão crescente do uso do desenho, aliado ao uso de imagens esquemáticas e estereotipadas. São considerados, o início da estruturação gráfica do desenho e da descoberta e assimilação dos códigos éticos e estéticos. Organizados da seguinte forma:

- Construção de relações topológicas;
- Atribuição de uma forma exemplar a cada elemento do desenho;
- Construção de um repertório gráfico com classes e subclasses;
- Mudanças e permanências no desenho da figura humana;
- Relações entre a construção da figura humana e as relações sociais envolvidas no processo;
- O desenho infantil como elemento de comunicação interclasse e extraclasse.

Cabe ressaltar que no ano de 2006 as coletas eram realizadas durante as aulas de arte e os procedimentos de coleta de dados visavam à coleta de desenhos espontâneos com ênfase na construção da figura humana.

Nessa fase buscou-se entender as relações entre a construção do desenho infantil com ênfase na estruturação da figura humana com a aquisição dos códigos éticos, estéticos e a escrita. Ou seja, como a criança utiliza o desenho como meio nos quais as regras da vida em sociedade são refletidas e as estratégias de convivência são estabelecidas.

Observou-se por meio dos relatos que a construção de um repertório gráfico, demanda muito mais que habilidades manuais. A estruturação do desenho envolve processos muito mais complexos e reflete uma busca de significação na interação homem/mundo. O desenhar é um momento de introspecção, de reflexão, de leitura e escrita do mundo, porém é também um momento lúdico, interativo e dinâmico.

Nas produções realizadas nessa primeira fase, relativas ao pré-escolar, no ano de 2006, foram selecionados quatro casos, observados na sua interação com o grupo, que seriam acompanhados em 2007, percebendo as diferentes possibilidades de uso do desenho infantil, destacam-se:

Um crescente na aquisição dos códigos gráficos, numa busca por elaborar um esquema gráfico capaz de evidenciar o que compreendem da imagem. Diferentes estruturações do corpo humano são observadas. Nos quatro casos analisados percebe-se uma preocupação comum na estruturação dos diferentes gêneros e formas básicas são eleitas para representar um ou outro sexo. Conforme o andamento da pesquisa e a ampliação de suas experiências visuais observam-se uma crescente preocupação com pormenores que representem diferenças. As categorias são ampliadas a partir de detalhes como: pernas afuniladas, cabelos curtos, médios, longos, crespos, cacheados, rabos de cavalo, cabelos espetados e cabelos de fogo (Mister Mystey). Acessórios também aparecem nessa distinção e uma diversidade de chapéus, bonés, gorros, rabricós, brincos (para ambos os sexos) e gravatas vêm a tona. A roupa feminina apresenta-se com duas variações: uma que aparece mais no início da estruturação como forma geométrica distintiva entre os sexos e posteriormente ganha novas formas e detalhes. Dos quatro alunos observados apenas um não se utiliza dessa sistematização, sua figura feminina tem pouca ou quase nenhuma diferença da masculina. O papel socializador que se sobressai em certos momentos das produções é outro momento importante de análise. Nele o desenho é utilizado como estratégia de aproximação, de interação e integração com o grupo. Observado principalmente na dissimulação dos traços ou no acréscimo da figura humana feita ao desenho já pronto. Observou-se também uma atitude contrária que serviu como estratégia de protesto e de repulsa. Como no caso da briga por meio de desenhos, que evidencia que a criança usa o desenho como meio de transmitir informações, como a insatisfação, e o incomodo. O papel socializador que se sobressai em certos momentos das produções é outro momento importante de análise. Cabe ressaltar que o desenho no exercício de socialização

também integrou a família, amigos, entre outros, que contribuíram com seus modelos na diferenciação das pernas femininas das masculinas, no traçado das pernas do skatista, na silhueta do nariz, no formato dos sapatos. Esses modelos apresentaram-se constantemente na estruturação gráfica dessas crianças e integraram universos distintos, num aprendizado do desenho realizado nas relações.



Ilustração 1 - Coletânea de Desenhos fase I – a seqüência dos desenhos está organizada da esquerda para direita na horizontal começando por Mariana, Amon, Jefferson, Laura.

A influência das mídias também foi observada nessas produções. A presença de filmes de ação e de jogos de vídeo game aparecem como referência na escolha da temática do desenho. Porém para a estruturação gráfica percebe-se a influência das HQs, que servem de fonte de referência na ampliação desse repertório, notada principalmente na fisionomia das figuras, em sobrelanceiras, olhos e bocas. As pressões impostas pela mídia relativas a certos padrões estéticos como a dos cabelos longos, também aparecem nas produções observadas.

A função estética do desenho aparece em menor escala em relação a função comunicacional do desenho. Esse desenho mais elaborado, que busca o realismo visual é percebido na produção de Mariana (1ª linha 4º desenho), quando ela utiliza como referência para a construção do seu desenho a observação de sua imagem no

espelho e não a imagem mental que costuma reproduzir. Esse desenho destaca-se na produção de Mariana, mesmo ela que sempre “macaqueia na produção alheia” (Freinet,1977) mostra-se satisfeita. Esse momento indica que o desenho não vem sendo explorado em seu potencial expressivo, que o desenho não vem sendo cultivado.

Sendo assim essa primeira fase fez notar a importância do desenho como estruturador do pensamento infantil. Percebido como meio de construção de significações, onde as regras da vida em sociedade são aprendidas e refletidas, transformando-se em estratégia de integração e interação social.

FASE II /2007 - A segunda fase desse estudo ocorre no ano de 2007, os alunos pesquisados encontravam-se nesse momento matriculados na 1ª série do Ensino Fundamental e as coletas passaram a se realizar individualmente em sala específica. O objetivo dessa fase é o de pontuar quais as relações e contribuições do desenho infantil para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Além dos critérios que nortearam a fase, anterior agregam-se a eles as seguintes questões:

- Relações estabelecidas no uso da folha de papel para o os diferentes fins: desenho e escrita;
- Relações estabelecidas na estruturação compositiva do desenho e da escrita. (Síntese da composição por meio do desenho, da escrita e da fala; Quantos e quais personagens, particularidades, uso de elementos de apresentação, seqüência lógica, ordem cronológica, clareza e coerência, segurança na composição);
- Dificuldades apresentadas no desenho e na escrita;
- Fatores externos que influenciaram a composição do desenho;
- Utilização de esquemas gráficos;
- Relações entre a estruturação gráfica do desenho e da escrita, por meio da observação das fases de Luquet e Ferreiro.

Foram coletados desenhos espontâneos e, por vezes quando necessário, desenhos dirigidos. Após essa produção gráfico/plástica, pequenos textos ou frases descreviam esse desenho, expondo dessa forma a estruturação gráfica da escrita. O discurso verbal buscou nas impressões externadas pela criança, entender as inquietações ocorridas quando da aquisição e interação dessas linguagens.

Buscou-se dessa forma perceber e pontuar os fatores que se relacionam ou divergem nesse entrelaçamento, entre desenho, escrita e fala.

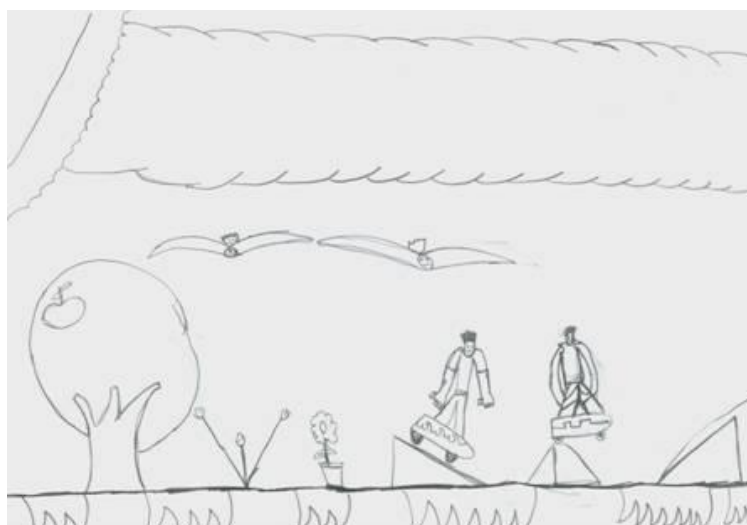
Entre os quatro casos observados, destaca-se um por pontuar claramente os conflitos desse momento.

## FASE II - COLETA Nº3 - Jefferson (7;2)

DESENHO: (relato falado durante a construção do desenho)

- Não estou com vontade de fazer. Em casa, às vezes, eu fico desenhando as letrinhas, eu faço elas falando, é mais difícil, eu faço melhor elas de mão dadas, no parquinho. Ah, mas eu aprendo cada dia mais.

Essa coleta é iniciada com essa declaração. Percebe-se que Jefferson é bastante cobrado na mudança de letras (caixa alta para manuscrita), mesmo ainda não tendo o domínio da caixa alta. Dos quatro casos observados Jefferson, é o que mais sentiu as mudanças ocorridas na construção dos códigos. Utiliza a folha na horizontal, marca fortemente a linha de base, a linha de céu é traçada no esquema mais comum. Relata que fez um desenho bem lindo na cartolina que sua tia deu.



Jefferson  
JAKSON -  
PULAM A RAMPA

JEFFERSON LOURENÇO JUNIOR  
JAKSON  
PULAM A RAMPA

Figura 2: Jefferson F.II – C.3 - Fonte: Arquivo Desenhação

Desenha tanto em cima como embaixo da linha de base. Ao desenhar, fala sozinho tentando decidir como deve fazer, qual o melhor lugar, externando dessa forma sua fala egocêntrica. Representa o caule com galhos, a copa e uma fruta.

Essa representação de árvore é uma combinação das diferentes árvores representadas por Jefferson. Na seqüência desenha o sol e nuvem e comenta:

- Eu sei fazer outro tipo, às vezes no meio da folha com o sol nascendo, também aquele com árvores e o sol.

Essa fala indica que Jefferson tem noção da variedade de tipos de representação de sol. Traça dois modelos diferentes de flores e no automatismo gráfico representa dois pássaros. Na seqüência Jefferson afirma que gosta mesmo é de jogar videogame, computador e afirma:

- Eu não gosto mais tanto de desenhar, que tem que fazer daquele tipo, daquele detalhe, daí eu não gosto tanto mais.

Observa-se por essa fala, que Jefferson percebeu o desenho como um código, como na escrita, não conseguindo mais achar graça em desenhar. Traça rampas e skatistas.

**ESCRITA:** Utiliza a folha no mesmo sentido que o desenho, porém emprega nessa produção a letra manuscrita. Setoriza seu texto na parte superior da folha, onde não desenha linhas, mas pressupõe. Anuncia que vai escrever: Eu e meu irmão pulando rampa. Na hora de escrever desiste e diz que vai escrever apenas seu nome e o do irmão.

Em síntese na Fase II, observa-se por meio desses relatos que a redução dos momentos de desenhar e uma cobrança maior na aquisição dos códigos da escrita, trouxeram em alguns casos um desencantamento pelo desenho. Algumas questões foram pontuais nessa fase como:

- O fato da construção de narrativas ocorrerem primeiramente no desenho para depois se estruturar na escrita;
- Da mesma forma que faz analogias relativas à qual forma usar, ou como representar um objeto no desenho, também elabora hipótese relativas à qual letra usar ou onde segmentar na escrita;
- No início da alfabetização o texto está descolado do contexto, apenas com amadurecimento das habilidades de escrita, que começa a se referir ao desenho;
- Quando do aprimoramento da escrita, o desenho passa a ser cada vez mais esquemático, é usado para comunicar sem preocupações artísticas ou estéticas;



- A influência dos diferentes tipos de mídia apresenta-se muito mais presentes na representação gráfica do desenho, sendo utilizada muitas vezes como referência na construção de novas formas.
- A influência de familiares e amigos passa a ser referência na construção do desenho, representando de certa forma um meio de suprir a falta de momentos de desenhar.
- O desenho de narrativa surge em profusão, mostrando um amadurecimento compositivo.

Percebe-se assim que desenho e escrita são aliados na alfabetização, que interagem na construção de conteúdos significativos. Além de ser divertimento, jogo, descoberta o desenho serve como instrumento de significação, e prepara o caminho para escrita, organizando e estruturando o pensamento infantil.

Ao término dessa segunda fase de coletas foi percebida uma profusão de desenhos de narrativas (desenhos que contam histórias). Esse fato levou a estabelecer a terceira fase dessa investigação, voltada para entender qual a relação da narrativa gráfica na organização e na construção do pensamento argumentativo da fala e da escrita.

FASE III / 2007 - Os critérios estabelecidos nessa terceira fase dizem respeito a:

- Relações estabelecidas entre as narrativas, gráfico plástica, escrita e verbal, observadas de forma concomitante em sua organização e estruturação;
- Relações entre a descrição verbal, o texto e a narrativa gráfica com o conteúdo da cena;
- Síntese da composição nas três linguagens;

O impacto gerado a partir de um estímulo narrativo ficcional um desenho animado, foi observado na geração de narrativas gráficas, verbais e escritos, pontuando a relação entre as linguagens e este estímulo. Esta etapa partiu da observação de uma constância no uso de narrativas como forma de organizar e registrar o pensamento, percebida principalmente no desenho infantil. A proposição dessa fase consiste em estimular esse recurso narrativo por meio de um desenho animado com finalidade de observar a sua influência na linguagem e sua transposição verbal, escrita e gráfico-plástica.

“Kids Next Door - K.N.D. - A Turma do Bairro”, foi o desenho animado utilizado para impulsionar essa produção. Ele narra à história de cinco crianças treinadas para combater a autoridade que os adultos têm sobre elas.

A escolha desse instrumento deu-se pelo fato desse desenho passar em canal aberto e fazer parte do cotidiano da criança. Também por ser uma história pequena e concisa, que contém aspectos visuais e verbais.

A seguir a análise de um dos quatro casos estudados nessa terceira fase.

FASE III - CASO 2 - Mariana esta agora com 7 anos e 7 meses, adorou a idéia de sair da sala de aula e assistir a um desenho animado.

**ASSISTINDO AO DESENHO:** Bastante concentrada, esboça algumas reações físicas (se encolhe, rói unha, sorri, arregala os olhos) durante a apreciação do desenho animado, principalmente em momentos mais tensos da história. Vibra muito ao final do desenho, sorrindo e repetindo falas.

**VERBALIZAÇÃO:** No momento de contar o que assistiu, Mariana fica envergonhada e insegura. Fala pouco, descrevendo apenas as partes da história de forma muito sucinta, como: crianças em um caminhão, monstro do sorvete, festa do sorvete.

**DESENHO:** Escolhe a posição horizontal da folha, utiliza linha de base e não traça nenhum detalhe na linha de céu. Observa-se que as figuras estruturadas por Mariana estão bem esquemáticas, permitindo apenas a distinção dos gêneros pelo uso do triângulo e da linha ondulada na cabeça. Com apenas uma linha estrutura a maior parte do carro, uma linha reta fecha a parte inferior e outras formam janelas. Quatro círculos imperfeitos são desenhados representando as rodas. Observa-se por esse detalhe que Mariana está desenhando o que lembra do objeto e não o que vê, pois um carro visto na lateral mostra apenas duas rodas. Conforme Luquet, ela desenha segundo o realismo intelectual. Um copo de sorvete é desenhado na parte superior do carro juntamente com quatro personagens, traçados também de forma automática e esquemática.

**ESCRITA:** Percebe-se, pela escrita, que Mariana reconhece e utiliza termos usuais de histórias infantis: era uma vez, felizes para sempre e fim. Duas crianças, a Turma do Bairro e o homem do carro de sorvete, são os personagens percebidos e descritos por ela. O texto não apresenta elementos de apresentação como título ou vocativo, data e autor, mas possui seqüência lógica e ordem cronológica. Apesar de conter alguns erros de ortografia, concordância verbal e nominal, seu texto é claro e coerente. Faz acréscimos criativos ao substituir a narração do final da história por “ficaram felizes para sempre”, mostra que ela está refletindo sobre a estrutura

organizacional do texto. Escreve com segurança e rapidez, e ao perceber que estou admirada com o quanto ela está escrevendo, fica muito contente. Segundo Ferreiro, Mariana está escrevendo de forma ortográfica. Obedece ao padrão da escrita e realiza os espaçamentos entre as palavras. Utiliza a folha na horizontal e posiciona sua escrita na parte superior da folha, como se fosse uma linha de céu. Faz uso da letra caixa alta e escreve cinco linhas de texto, finalizadas por um ponto final e a palavra fim. Mariana descreve a primeira parte da história e abrevia a segunda, quando parte do ápice da narrativa para condensar os fatos subseqüentes em “felizes para sempre”.

Observo que das três etapas dessa coleta é no desenho que Mariana foi mais sucinta, não se preocupando com grandes detalhes, apenas registrando de forma quase automática a cena escolhida.

Partindo da observação das três fases estabelecidas por esse estudo, pode-se destacar:

Na primeira fase os desenhos utilizados como estratégia de comunicação, ora servindo como meio de aproximação, ora como meio de repulsa e indignação entre as crianças. O desenho realizado por Amon de sua colega Carolina demonstra como ele se apropria dos códigos gráficos para expressar suas emoções e reações. Ao desenhar sua colega e acrescentar traços que de certa forma a agrediam, demonstra ter noção das relações éticas que se estabeleciam entre as relações e as utiliza para externar sua reação de descontentamento. O mesmo gesto é repetido por Amon, mas em sentido contrário, na tentativa de aproximação com o grupo de colegas, quando transforma seu desenho em algo mais próximo do produzido por eles. Evidencia-se claramente não só no caso de Amon, mas em todas as crianças observadas, a importância da atuação dos outros membros mais maduros da cultura no aprendizado do desenho, auxiliando na resolução e na transposição da visualidade para o bidimensional, bem como na ampliação do repertório gráfico.

Neste momento pré-escolar observa-se ainda a existência de um diálogo entre os conteúdos trazidos pela criança com os solicitados pela escola. O desenho é utilizado em grande escala, servindo como um meio de exploração do mundo gráfico plástico, na descoberta de novas formas e na apropriação de outras. Constata-se que o desenho, tem papel fundamental nas relações, auxiliando na construção e organização do pensamento da criança.

Destacam-se de todo esse processo o desenhar em duas diferentes direções, um desenho com finalidade comunicacional (Darras, 2006, Duarte, 2007) e um desenho com finalidade artística, que busca a unidade, a especialização. O desenho realizado por Mariana ao copiar seu rosto no espelho demonstra que ela tem habilidade para criar desenhos autênticos, desde que estimulada a isso e desde que essa forma de pensar seja cultivada (Lavelberg, 2006). Percebe-se aqui, a figura humana como componente essencial na estruturação do desenho, exercendo um papel identitário, de auto-reconhecimento. Observei nas produções realizadas nesse período, pelos participantes da investigação, que a construção de um repertório gráfico demanda muito mais do que habilidades manuais. A estruturação do desenho envolve processos muito mais complexos e reflete uma busca de significação na interação homem/mundo. O desenhar é um momento de introspecção, de reflexão, de leitura e escrita do mundo, porém é também um momento lúdico, interativo e dinâmico.

Na segunda fase do estudo, como já foi visto, a redução dos momentos de desenhar e uma cobrança maior na aquisição dos códigos da escrita trazem, em alguns casos, um desencantamento pelo desenho, reforçando nitidamente a bifurcação do desenho em duas escolhas: o desenho comunicacional e o desenho com preocupações estética e artísticas. As questões destacadas nessa segunda fase são:

- A diminuição drástica dos momentos de desenhar parece gerar uma insegurança na construção gráfica do desenho que, segundo Freinet (1977), dá suporte a este momento de alfabetização. Concomitante a essa mudança, a criança é apresentada de forma sistemática aos processos da escrita, conhecendo seus elementos formativos, suas relações e estruturas. Esse fato sugere que a criança faz associações entre a organização interna de ambos os códigos, percebido no movimento que faz pela busca por modelos e esquemas, convenções, como na escrita.

- O desenho pode atuar como fator estruturador do pensamento verbal quando a criança parte primeiramente do desenho para depois efetivar a escrita, fato este percebido nos quatro casos estudados. Duarte acentua a importância da imagem visual nas estratégias comunicacionais “desenhando e vendo imagens visuais veiculadas por todas as mídias, a criança se prepara para as generalizações e abstrações exigidas pela fala e pela escrita” (Duarte 2007, p.470).

- O aparecimento em abundância de desenhos de narrativa como forma de organizar e registrar o pensamento aparece juntamente com a gradual estruturação da escrita formal, que paulatinamente passam a significar aspectos diferentes do mesmo tema;

- Conforme a escrita vai se consolidando como código comunicacional significativo para a criança, percebe-se uma acomodação das buscas gráficas observadas no início da pré-escola, por uma apropriação dos códigos culturais de seu entorno.

- O meio social, como na fase anterior, continua tendo um papel preponderante na construção gráfica do desenho e da escrita, fator esse que parece gerar as diferenças individuais observadas na terceira fase desse estudo, quando alunos mais estimulados se destacam dos outros, como Mariana na escrita e Jefferson no desenho.

- Percebe-se ainda nessa fase, um interesse desigual entre os gêneros. Nos meninos a figura humana busca uma padronização, um esquema, mostra-se cambiante e se altera em cada nova produção, enquanto que as meninas já se utilizam de esquemas há algum tempo, alterando e acrescentando pormenores. Na escrita Laura, Mariana e Amon demonstram já ter se apropriado dos códigos da escrita enquanto que Jefferson ainda se ambienta nesse meio. Dos alunos observados, é Jefferson que mais sente o impacto da redução dos momentos de desenhar e a pressão desse novo momento dedicado basicamente à escrita, deixando isso claro em suas falas.

Na terceira e última fase desse estudo, o modo particular de desenhar de cada criança foi ressaltado pelo impacto de um estímulo ficcional narrativo, um desenho animado. Embora o estímulo fosse o mesmo, cada criança reagiu de forma diferente no momento de contar, escrever e desenhar. As questões destacadas pela terceira fase desse estudo são:

- Na verbalização, observa-se o aparecimento do discurso direto por meio da citação das palavras de personagens, exercendo uma função de subjetivação. Se constata também o aparecimento de inferências ao se acrescentar informações à história. Evidencia-se uma disparidade entre a fala rotineira de uma fala elaborada, com objetivo descritivo, que solicita organização e elaboração interna.

- O impacto de fatores exteriores de estimulação afeta e diversifica a produção escrita, evidenciando a importância de tais estímulos nessa construção. A

escrita alfabética é observada na maioria dos casos, o que demonstra que os alunos já empregam o uso padrão desse código. Percebe-se, na construção gráfica da escrita, uma tendência à abreviação e à predicação, observada também no desenho com o uso dos esquemas.

No desenho, a narrativa simbólica se impõe apontando a confluência de linguagens por meio do desenho. Os quatro alunos observados usaram o desenho de narrativa, enquanto que na escrita e na fala observou-se relatos muito divergentes, apenas o desenho apresentou uma homogeneidade. É possível, então, atribuir ao desenho uma função de reflexão e de planejamento sobre a narrativa assistida. É possível que ele atue como ponte entre processos mentais e de elaboração e significação da escrita. Percebe-se também, que para alguns o desenho ainda é fator fundamental na comunicação e para outros ele já serve como elemento de preparação para a escrita que ira, talvez, substituí-lo.

Pode-se durante esses dois anos de estudo, observando através do desenhar das crianças envolvidas nesse processo, confirmar a tese de Freire (1990) sobre o fato de a alfabetização não se dar em apenas em um tipo de linguagem, mas na confluência entre linguagens. Percebe-se nessa trajetória que a chave para o entendimento da estruturação dos códigos da escrita e da leitura pode estar no desenho infantil, compreendido como instrumento de ampliação da alfabetização, como possibilidade de renovação e transformação, como uma possibilidade lúdica de aprendizagem.

Quem sabe o desenho não possa ser visto de outra maneira. Quem sabe o desenho não possa ser visto como um elemento, uma memória, um registro mental que vai colaborar até com a compreensão da própria escrita. Quem sabe não é o desenho o fator que falta ser desenvolvido na alfabetização, como auxiliar de significação na leitura.

#### **Referências:**

BRASIL. Ministério da Educação. *Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e de Ensino Fundamental. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

DARRAS, Bernard. *Au commencement était l'image :du dessin de l'enfant à la communication de l'adulte*. Paris: ESF éditeur, 1996.

DARRAS, Bernard. *Children's Drawing and information design education. A semiotic and cognitive approach of visual literacy*. IN: Coutinho, S. G. & Spinillo .C.G. (Eds) *Select Readings of the Information Design International Conference*. Recife: SBI – Sociedade Brasileira de Design da Informação. 2004. P.105-118.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. (1995) *O desenho do pré-adolescente: características e tipificação. Dos aspectos gráficos à significação nos desenhos de narrativa*. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 1995.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. (2007) *Representação, Categoria Cognitiva e Desenho Infantil*. In: Encontro Nacional da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes - Arte: limites e contaminações. 15, 2006: Salvador. Anais XV Encontro Nacional da ANPAP. Salvador: ANPAP, V2, 2007. p. 468-480.

ELKIND, David. *Sem tempo para ser criança: a infância estressada*. 3ª ed. Porto Alegre: Artemed, 2004.

FERREIRO, Emília. *Cultura escrita e educação*. Porto Alegre: Artmed editora, 2001.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREINET, Celestin. *O método Natural I – A aprendizagem da língua*. Lisboa, Editora Estampa, 1977.

FREINET, Celestin. *O método Natural II – A aprendizagem do desenho*. Lisboa, Editora Estampa, 1977.

FREINET, Celestin. *O método Natural III – A aprendizagem da escrita*. Lisboa, Editora Estampa, 1977.

FREIRE, Paulo. *Alfabetização: leitura da palavra leitura de mundo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que completam*. São Paulo, Cortez, 2006.

IABELBERG, Rosa. *O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores*. Porto Alegre: Zouk, 2006.

LUQUET, George-Henri (1927). *O desenho infantil*. Porto: Livraria Civilização Ed., 1969.

VIANNA, Maria Leticia Rauen. *Desenhos estereotipados; um mal necessário ou é necessário acabar com este mal*. Instituto Arte na Escola. São Paulo. Disponível em: <[http://www.artenaescola.org.br/pesquise\\_artigos\\_texto.php?id\\_m=38](http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=38)> Acessado em: janeiro 2008.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

### **Marice Kincheski Fassina**

Mestre em Artes Visuais pelo Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Linha de Pesquisa de Ensino da Arte. Especialista em História da Arte do Século XX, pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP. Atua na Prefeitura Municipal

de Curitiba na Secretaria Municipal da Educação como Técnica na Unidade Gestora do Programa Comunidade Escola.